

Neonazismo no Brasil: análise da cobertura do G1 do atentado às escolas em Aracruz¹

Karyne Fernanda Assunção COSTA²

Paulo Lourenço Oliveira DIAS³

Ingrid Pereira de ASSIS⁴

Universidade de Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

Este artigo aborda enquanto objeto de pesquisa a cobertura do atentado às duas escolas em Aracruz, município de Espírito Santos, feita pelo G1. O objetivo principal é analisar a forma como o atentado às escolas de Aracruz foi noticiado pelo G1, observando se a ligação do atentado com grupos extremistas foi apresentada de maneira responsável pelo veículo. Para isso, acionou-se uma perspectiva metodológica qualitativa, com procedimentos e conceitos da Análise do Discurso. Concluiu-se que houve lacunas na cobertura, como ocultação do real problema por trás do fato jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Neonazismo; Teorias do Jornalismo; G1; Atentado; Aracruz.

INTRODUÇÃO

A existência de grupos neonazistas no Brasil não é algo recente, mas, nos últimos anos, é possível observar com mais frequência casos criminais e de ostentação de símbolos que remetam ao regime, abordados pelo jornalismo. O que há de novo talvez seja apenas a facilidade de conexão entre os indivíduos que partilham tal crença, por meio de ambientes on-line, tais como o Telegram e Discord, acarretando no aumento do número de células neonazistas no Brasil, dada a facilidade de disseminação de informações, que tais plataformas permitem. Segundo levantamento feito pela

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Cultura e Internet, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação do quarto semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: karyne.assuncao@mail.uft.edu.br.

³ Estudante de Graduação do quarto semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: paulo.lourenco@mail.uft.edu.br.

⁴ Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Comunicação e Sociedade (PPGCOM), da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, pela mesma universidade. E-mail: ingrid.assis@mail.uft.edu.com.

antropóloga Adriana Dias, divulgado pela revista Piauí, apenas no ano de 2022, mais de 1000 grupos como esses foram catalogados⁵.

Tendo em vista tal aspecto, não é de se admirar que jovens tenham acesso a essas ideias facilmente, visto que, elas, acima de tudo, possuem uma linguagem mais cooptativa para esse público, algo que outras visões ideológicas ainda não são capazes de alcançar (LOPES, 2016). A cooptação desses jovens têm culminado com a atentados às escolas, assim como ocorreu em Aracruz, que é foco desta pesquisa. O atentado em Aracruz aconteceu no dia 25 de novembro de 2022, quando um adolescente de 16 anos invadiu duas escolas, no município⁶, que fica localizado a 85 km da capital, Vitória-ES.

Segundo a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, o atentado ocorreu entre 9h30 e 9h40, com o criminoso disparando à queima roupa contra professores e alunos da escola de ensino fundamental e médio Primo Bitti e no Centro Educacional Praia de Coqueiral, localizadas a 650 metros de distância uma da outra, utilizando duas armas, munições, um carro e uma roupa camuflado com uma suástica no braço direito. Após o atentado, o assassino foi para casa, escondeu o uniforme usado no ataque e viajou para a casa de praia com os pais. Na tarde do mesmo dia, foi apreendido, agindo “naturalmente do ataque até a prisão” (G1, 2022).

No interrogatório, o autor do crime admitiu ser adepto das ideologias neonazistas⁷ e fazer parte de fóruns relacionados ao tema no Telegram. Além disso, foi descoberto que o pai havia presenteado⁸ ele com um livro escrito por Adolf Hitler, intitulado “Minha luta”, no qual o ditador alemão exibe ideias antimarxistas, anticomunistas, eugenistas, antissemitas e nacionalistas, bases do Partido Nazista. Tal informação, embora fundamental para se compreender o caso, não esteve presente nas manchetes do G1, o que motivou a realização desta pesquisa, que tem como objetivo principal analisar a forma como o atentado às escolas de Aracruz foi noticiado pelo G1.

⁵ Santa Catarina e a multiplicação de células neonazistas. **Revista Piauí**, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/santa-catarina-multiplicacao-celulas-neonazistas/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

⁶ Ataque a escolas em Aracruz: o que se sabe e o que falta esclarecer. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/25/ataque-a-escolas-em-aracruz-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2023.

⁷ Ataque em Aracruz: pais do assassino prestam depoimento à polícia. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/29/ataque-em-aracruz-pais-do-atirador-prestam-depoimento-a-policia.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2023.

⁸ Pai de atirador do ES comprou livro de Hitler para o filho, diz polícia. **UOL**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/11/28/pai-atirador-es-comprou-livro-hitler-para-filho-diz-policia.htm#:~:text=O%20atirador%20de%2016%20anos,pública%C3%A7%C3%A3o%20em%20sua%20rede%20social>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com um aumento elevado no número de ataques às escolas nos últimos anos, dez acontecendo apenas em 2022, grandes empresas jornalísticas passaram a ser cobradas pela presença de um grande número de detalhes em reportagens, que forneciam quase um tutorial para grupos extremistas e acabavam incentivando ações similares, ainda que não fosse essa a intenção. Mesmo com mudanças feitas na política de divulgação de massacres⁹, que ocorreu em abril de 2023, ainda é possível perceber falhas nesse tipo de cobertura. Na do caso supracitado, por exemplo, diversos veículos, como a Folha de São Paulo e o UOL, apontaram a conexão ideológica já mencionada, com provas contundentes que foram apresentadas à polícia. Já o G1 não fez o mesmo.

Observando tal lacuna informativa, este estudo se utiliza de uma metodologia qualitativa, a análise de discurso, para alcançar o objetivo principal. Para isso, foram coletadas vinte matérias produzidas pelo G1, no período de um mês, começando a partir do dia do atentado (25/11/2022). O discurso é compreendido, aqui, enquanto composto por um conjunto de enunciados, que estão intrinsecamente ligados à determinada condição histórica. Conforme demarca Foucault (1997, p. 135): “...ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência [...]”. Para o autor, os discursos e, conseqüentemente, as interdições dele, relevam relações com o desejo e as disputas de poder. Por isso, interessa em especial o discurso construído pelo jornalismo acerca de fatos que se entrelaçam com uma ideologia, outrora dominante, em espaços geográficos e temporais específicos.

Vale apontar que não são apenas os enunciados que importam em uma análise discursiva, mas, também, a ocultação dos mesmos. “Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo” (FOUCAULT, 2001, p. 10). Com base nestes aspectos, faz-se fundamental apontar que a própria história é uma construção discursiva e que, como tal, pode apresentar arbitrariedades e inconsistências. Isto pode, claro, influenciar as coberturas jornalísticas.

ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE OS ATENTADOS

⁹ Veículos de imprensa mudam política de cobertura de ataques a escolas. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/veiculos-de-imprensa-mudam-politica-de-cobertura-de-ataques-escolas>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Com 63 células neonazi localizadas na cidade de Blumenau (365 mil habitantes)¹⁰, município de Santa Catarina, perdendo apenas para São Paulo (12 milhões de habitantes) com 96 grupos, que ocupa o primeiro lugar na catalogação feita por Adriana Dias, a crescente expansão de ideias extremistas no Brasil não recebe a atenção que uma crise humanitária deste gênero exige, nem do poder público ou do jornalismo *mainstream*. Nas últimas duas décadas, foram registrados 25 ataques a escolas no Brasil, sete apenas no primeiro semestre de 2023, orquestrados somente por homens e meninos, entre um período de semanas, meses ou até anos, como aconteceu em Aracruz (Instituto Sou da Paz, 2023)¹¹. Nem todas as ocorrências estão relacionadas às ideias extremistas, mas constroem um rastro de violência, que ainda não foi profundamente investigado.

Apesar do *modus operandi* de grupos neonazistas do Brasil se assemelhar aos dos EUA, Adriana Dias (2018) esclarece que não existe o indivíduo neonazista como existiu o nazista no século XX. O que existem são grupos que adaptam a sua narrativa racista de acordo com o seu local de origem, por isso, o principal inimigo do neonazista brasileiro não é o judeu e, sim, o nordestino, o negro, o povo do norte, a imigração e miscigenação. Ao se diferenciarem do restante da população, criando o “nós” e “eles”, o neonazismo frequentemente adota um discurso saudosista, evocando um passado que só existe por meio de revisionismo histórico e declarando guerra a pautas progressistas (LEITE; ASSIS, 2021). Leis de feminicídio, injúria racial, proteção a indígenas ou qualquer política pública que seja voltada a um grupo minoritário, são uma ameaça direta ao sistema de dominação que os beneficiam e, em meio a esse discurso que romantiza o passado, há, também, a construção de si enquanto vítima (DIAS, 2018). Não à toa, mesmo que em todos os atentado registrados, recentemente, os agressores sejam homens e adolescentes, majoritariamente brancos e de posições econômicas privilegiadas, a narrativa de *bullying* como uma espécie de justificativa para o crime aparece. No atentado de Aracruz, por exemplo, o pai do responsável pelo ataque afirmou que ele teria sofrido *bullying* e que apresentava um comportamento diferente nos últimos meses e, por isso,

¹⁰ Ver mais em: <https://midianinja.org/news/com-365-mil-habitantes-blumenau-sc-tem-63-celulas-neonazistas-aponta-estudo-enviado-a-onu/>.

¹¹ Ataques armados a escolas vitimaram 93 pessoas nos últimos 20 anos; Veja levantamento do Sou da Paz. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/ataques-armados-a-escolas-vitimaram-93-pessoas-nos-ultimos-20-anos-veja-levantamento-do-sou-da-paz/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ele mesmo teria lido o livro “Minha Luta”, escrito por Adolf Hitler em 1925, para “ter o que conversar” com o filho.

Das 20 notícias coletadas no G1, 19 delas apresentaram a polícia como fonte principal, além de adicionar em outras o governador do estado e o prefeito da cidade. Nas poucas vezes em que essas fontes não são acionadas, professores e testemunhas são convidados a relembrar e descrever o ocorrido. Ao priorizar enquanto fontes o prefeito da cidade, o governador do estado, delegados e policiais envolvidos no caso, o G1 abre um espaço para que eles controlem a construção da história. Frisa-se que o pai do responsável pelo ataque é tenente da polícia militar e, portanto, o acionamento de tais fontes deveria ser feito com ainda mais cuidado, afinal: “...a interpretação primária das fontes institucionalizadas define o rumo de qualquer notícia” (PENA, 2008, p. 154).

Mesmo com provas contundentes sobre a ligação do garoto com grupos extremistas, encontradas no celular e em seu quarto, as falas policiais disponibilizadas nas matérias apontam a conexão apenas como suposição. É possível encontrar nas matérias palavras que eufemizam a relação entre o ocorrido e a ideologia em questão. Por exemplo, uma matéria aponta que o assassino admitiu durante depoimento “simpatizar”¹² (palavra usada pelo próprio G1) com os ideais nazistas. Frisa-se que utilizar uma suástica na roupa, durante o ataque, remete a algo mais profundo que mera simpatia.

Para Charaudeau (2009), em toda comunicação há um jogo de interesses, no qual o emissor só vai comunicar algo, fazendo uso de estratégias discursivas, para que seu objetivo seja alcançado. Esses procedimentos seguidos por eles podem mudar a ordem dos fatos ou até mesmo fazer diferença na abordagem, coisa que se consegue observar nos conteúdos analisados, durante este trabalho. Por fim, analisando as matérias coletadas, percebeu-se que não houve a produção de um conteúdo conscientizador a respeito das complicações profundas do incidente. Não foram entrevistados psicólogos, psiquiatras, psicopedagogos ou qualquer outro profissional especializado sobre o assunto. As vozes não institucionalizadas traziam apenas o discurso de luto e até descrições explícitas do atentado, relatando o sentimento de “renascimento”¹³ após a tragédia.

¹² Ataque em Aracruz: pais do assassino prestam depoimento à polícia. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/11/29/ataque-em-aracruz-pais-do-atirador-prestam-depoimento-a-policia.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2023.

¹³ Ataque em Aracruz completa um mês e sobreviventes falam sobre recuperação: 'Nosso renascimento'. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2022/12/25/ataque-em-aracruz-completa-um-mes.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2023.

REFERÊNCIAS

ASSIS, I. P.; LEITE, P. V. A. C. O discurso de promoção do Prêmio Nacional das Artes e sua alusão ao regime nazista alemão. **Revista Intexto**, Porto Alegre, n. 53, p. 106517, 2022. DOI: 10.19132/1807-8583202253.106517. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/106517>. Acesso em: 8 abr. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: <https://abrir.link/th9eJ>. Acesso em: 27 jun. 2023.

CYRINO, Beatriz Miranda de Queiroz; CIQUINI, Fábio Henrique. **A Sociedade do Espetáculo na Cobertura de Ataques às Escolas nas Mídias Digitais**. Disponível em: https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2023/12/Beatriz-Miranda-Queiroz-Cyrino_artigo.pdf. Acesso em: 23 de abr. de 2024.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio: Entre uma etnografia e a biografia de David Lane**. Dissertação do Programa de Doutorado em Antropologia Social, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2018.1060866>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GUIMARÃES, Carlos Fábio Moraes; SENA, Vanessa Costa. Teoria Instrumentalista e Sites de Notícias: comparação entre o G1 e Brasil 247. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: SP, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2706-1.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

LOPES, WALLACE ALAN BLOIS. **Análise do crescimento de grupos neonazistas no Brasil**. Monografia do curso de Direito, Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais, São Luís, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/1678>. Acesso em: 27 jun. 2023.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.